



Secretaria da Educação

Ata

Reunião da Comissão de Elaboração do Currículo Integrado

10 de agosto de 2022

Aos 10 dias do mês de agosto de 2022, às 8h00, reuniram-se no Auditório I da Secretaria Municipal da Educação, os integrantes da Comissão de Elaboração do Currículo Integrado, de acordo com portaria n. 002 de 25 de abril de 2022. Na lista de presença houve a assinatura de 59 pessoas. A reunião começou com a presidente da CECI, Lígia B. Z. Carrasco (CAP, SME), informando que foram recebidas 5 propostas sobre a concepção de sociedade e que essas foram enviadas, por e-mail para todos os integrantes da comissão para todos pudessem fazer leitura prévia desses textos. Sugeriu a leitura conjunta no momento da reunião com posterior argumentação. Incentivou a participação efetiva de todos da comissão com envio de mais proposta para garantir a representatividade das escolas e construção de um texto autoral. Em seguida, procedeu-se a leitura e discussão das propostas. Bruno N. Alleoni argumentou que sua proposta traz um conceito mais amplo de sociedade e não de uma sociedade específica. Em seguida, Adriano Moreira disse que elaborar conceito não é apenas produzir verbetes, é produzir uma ideia que envolve conceitos econômicos. Ele retirou sua proposta dizendo que a proposta da Camila Cilene Zanfelize contempla a sua com uma melhor redação. Camila C. Zanfelize disse que escreveu sua proposta coerente com a definição de ser humano já aprovada pela comissão. Mencionou a divisão da sociedade entre sociedade exploradora e explorada e o conceito da mudança. Rosana Tessuto concordou com as colocações de Camila e acrescentou que além da dominação econômica não se pode desconsiderar a dominação cultural e intelectual. Adriano disse que historicamente as elites sempre negaram para as massas o acesso ao conhecimento e ao mesmo tempo as camadas populares reivindicaram esse conhecimento. Reivindicaram o acesso à escola e hoje temos que nos perguntar se a socialização do conhecimento realmente está lá. Rosana falou que temos que descolonizar o conhecimento não cedendo à imposição da classe dominante. Mônica C. Q. Christofolletti disse que as concepções podem parecer estar compartimentadas, mas não estão pois devemos ser coerentes com a linha que



Secretaria da Educação

estamos construindo desde a concepção de ser humano. Nelson Leme Junior interveio dizendo que o que Rosana disse está acontecendo nessa reunião também. Está havendo uma pressão/opressão dos conceitos por alguns membros. Não é so a elite econômica que que oprime. A elite cultural oprime também desqualificando a fala de outros membros. Camila disse que discordância de ideias não é desqualificação. Márcio José da Silva iniciou a argumentação de sua proposta dizendo que o conceito de sociedade vai além de seres vivendo juntos. Ela define-se pelas suas instituições. Citou Hobbes, leis e o pacto entre as pessoas. Rosana disse que Marcio citou muito bem o papel das instituições que formam a sociedade. Carina Fragelli interpelou perguntando a Marcio como se encararia a criança da primeira infância, como se dá o nosso olhar para a criança , a partir da visão citada por ele uma vez acreditamos no bebê como um cidadão desde o início de sua vida. Marcio respondeu que Hobbes não faz relação entre infância e desenvolvimento da sociedade. Adriano Moreira disse que Hobbes é autor liberal. Ele traz a perspectiva do contrato social. E uma construção é fictícia onde abrimos mão da nossa liberdade para ter a proteção do Estado. Já discutimos a concepção de ser humano e em nossa discussão dissemos que o ser humano nunca está pronto e acabado. Estamos num processo contínuo de nos tornar humanos. Heluane Ap. de Souza disse estamos tratando de campos diferentes. Quando entendemos a moral como um conjunto de regras que vão reger as relações humanas e a ética enquanto campo da filosofia que vai refletir sobre essas relações, e campo do direito, isso é como uma prescrição de regras que, embora relacionadas são de campos diferentes. Rosana mencionou que quando se fala do campo da lei, ela se lembra do encarceramento em massa. E quando se fala de moral lembra-se de moral religiosa. Adriano relatou que do ponto de vista histórico, o Estado surge como uma necessidade de proteção porque na perspectiva liberal o Estado tem que proteger a propriedade e na perspectiva histórica. O Estado tem que ser forte para garantir a nossa existência, para garantir que as pessoas tenham condições de viver. Marcio disse que Hobbes fala muito das questões relacionadas às leis. Ele tem essa visão que todo mundo é mau porque viveu em tempos de guerra. Carina disse se preocupar em pensarmos a sociedade sem o viés tecnológico e das novas relações de poder que se estabelece a partir disso. É mais interessante pensar a sociedade em um viés mais afinilado, sem se esquecer das questões de globalização, a sociedade brasileira especificamente. Os países colonizados agem de forma diferente dos colonizadores. Citou a necropolítica de Mbembe. O Estado decide quem vive e quem



Secretaria da Educação

morre, o Estado tem o direito de matar aqueles que não são vivíveis. Nós temos uma revolução tecnológica hoje na qual há uma abstração das relações de poder e que causa um abismo social e temos que levar isso em consideração, não podemos nos isentar dessa discussão. Rosana pronunciou ser muito bem lembrado o conceito de necropolítica. Hoje vivemos a revolução tecnológica e vimos alunos durante a pandemia não tendo acesso a tecnologia. Bruno acha muito importante entender a lógica tecnológica. Adriano Moreira acha importante as questões relacionadas a tecnologia mas observa que as empresas de tecnologia querem formar escravos, como por exemplo, uber; que elas não respeita as leis do países. Temos que lutar contra as mercadorias que essas empresas oferecem. Luciane Oliveira disse que temos que tomar cuidado com ideia do empreendedorismo. A escola tem que ter um olhar atento a esse novo sujeito. Quem é o sujeito que está entrando e saindo da escola. Adriano mencionou que o acesso a dados e informações tem se facilitado mas somos monitorados o tempo todo.

Carina Fragelli disse não podemos demonizar a tecnologia, temos que ter visão crítica das empresas. Ferramentas oferecidas por essas empresas tem potencialidades de uso e nos tornar construtores de tecnologia; diferenciar conhecimento de informação. Camila C. Zanfelice argumentou que temos que estar atentos as essas novas formas de exploração, temos que mudar as bases, temos que volta transformar a raiz de dominantes e dominados e transformar o entendimento do sistema econômico. Adriano disse não achar as ferramentas boas ou más, o google e suas mercadorias são excelentes, mas não é por isso que devemos entregar a eles o trabalho docente. São empresas multinacionais que não respeitam as leis dos países e a educação é o alvo preferido dessas empresas para formar toda uma geração. Joseane T. Bordignon disse que não podemos esquecer a base de exploração capitalista que vivemos, mas também não podemos desconsirar que as crianças estão imersas nesse tecnologia. Como tornar essas crianças críticas. Outro ponto é como tornar a redação do nosso documento autoral, trazer uma redação acessível a todos. Temos que encontrar formas de usar, sim, citações de autores, mas sobretudo aproveitar as contribuições autorais dos membros da comissão. Adriano disse que temos que ir passo a passo. Não vê o porque o texto tem que ser o mais simples possível, não há porque não ser denso. As propostas de sociedade que temos aqui são divergentes diferente umas das outras. Não dá para juntar tudo.



Secretaria da Educação

Heluane reforçou a ideia de não juntar proposta porque elas tem vertentes diferentes. Há outras bases teóricas que pensam a tecnologia. O que não podemos fazer é nos afastar das bases teóricas que estamos elencando. Joseane T. Bordignon disse não querer pular etapas. Bruno A. quis lembrar a fala da Lígia a qual diz podemos discutir e reescrever as propostas e não é porque a aprendemos a correr que não podemos voltar a andar. Às vezes temos que reduzir o passo pois precisamos ter um olhar atento para o estamos produzindo. Teremos orgulho do texto produzido e que será enviado para as escolas?

Samira L. de Souza disse que a questão tecnológica nos afetou muito. O que estamos colhendo do tempo que as crianças passaram fora da escola? Muitas vezes cuidadas por babás eletrônica. A tecnologia está no dia a dia das crianças. Luciane Oliveira disse que essas são discussões muito potentes e a ata é um instrumento importante do que estamos produzindo e registrando e vai ser levado a escola. Temos que registrar que a questão da tecnologia apareceu na proposta da Carina, mas não apareceu na proposta da Camila. Adriano disse que temos que entender o processo, senão não avançaremos nunca. Primeiro vem nossa ideia sobre sociedade e depois vem o texto. O texto vai expressar essa ideia. Vai chegar o tempo de mexer no texto, mas mexer no texto não é alterar a ideia. Não se pode usar o argumento de alterar o texto para alterar a ideia. Faz parte do jogo democrático aceitar quando nossas ideias não são aceitas. O texto pode ser melhorado desde que ele não corrompa a ideia já discutida e eleita. Camila C. Zanfelice disse que a comissão vai montar um texto que não vai ser o final. Temos que avançar nas questão das ideias e o texto vai ser sempre ser melhorado nas conferências. Caciara A. K. do Amaral citou que se faltar algo, tem que ser inserido sobre o conceito de sociedade, tem-se que acrescentar nesse momento de agora. Devemos ter termos e palavras-chaves que temos que colocar antes mesmo do texto ir para escola. A questão tecnológica tem que ser inserida. Mônica Christofolletti disse ter ficado incomodada com a questão de como o texto que trata da concepção de ser humano foi finalizado. Ficou um texto fatiado. Isso causou nela um aborrecimento intelectual. Os textos produzidos aqui já estão circulando nas escolas. Bruno A. disse que sua ansiedade é fazer um combinado e não segui-lo, ou então discutir coletivamente o combinado. Ligia Carrasco disse que entende que estamos construindo algo e no processo de construção, e faz parte desse processo o ir e voltar e por isso ficamos com a sensação que as coisas estão emperradas. Às vezes, pode acontecer da comissão não aprovar as propostas na íntegra e temos que discutir isso aqui. Temos que ter condições de fazer ponderações. É



Secretaria da Educação

claro que não podemos juntar uma proposta Liberal com Histórico Crítica. Não considera ruim enviar 2 textos para as escolas como foi na concepção de ser humano. Podemos aprovar determinadas concepções, mas podemos inserir outras com a questão tecnológicas, fazendo composições. É importante constar na ata que o registro da reunião está sendo feito na sequencia dos fatos, mas que se deva anexar as propostas na íntegra e que se vá fazendo esse entendimento de que o texto ainda está sendo composto. Para construção do texto, ela sugere que o CAP escreva acompanhando dos autores. Pediu que os representantes das escolas na comissão sugiram que todos da escola leiam as atas É importante que as escolas se apropriem do que está sendo discutido aqui. Adriano M. disse temos que criar uma objetividade para caminhar para frente mesmo que demos passos para traz. As questões que envolvem divergências, como no caso da concepção de ser humano, tem que ser discutidas aqui e serem escritas e aqui também. Ligia Carrasco propôs que aprovemos aqui 1 ou 2 proposições mas propôs nesse momento as alterações sugeridas. Samira L. Souza disse que quando pensa nessa sociedade que já vive imersa e influenciada pela tecnologia, ela tem que ser considerada sim, mas com criticidade. Rosana T. retomou o conceito dizendo temos uma sociedade capitalista. Ela está permeada por questões tecnológicas atuais. Temos que considerar também a necropolítica. Rosemara C. Ceregato explicou estar substituindo a professora Fabiana G. Munhoz (professora, E.M. Jardim das Palmeiras – CAIC) . Disse que o texto tem que chegar a escola como um texto bem elaborado e bem escrito e com as ideias da comissão para os professores poderem opinar. Ligia Carrasco explicou que o texto a ser enviado para a escola estará mais limpo e organizado, mas é importante que as pessoas conheçam o processo pelo que está acontecendo na comissão. Elaine Zanesco disse que o texto deveria chegar a escola bem elaborado, que deveria, ser sim, autoral. Temos que colocar nossas ideias além dos autores. A realidade que vivemos hoje não é a mesma de dois anos atrás. Mônica Christofoletti disse que os textos não serão alterados, eles podem ser melhorados mas a ideia não vai ser mudada. Que se coloque na ata as propostas na íntegra e a suas inserções. Viviane M. Sabatin falou que é importante que as definições sejam sempre expostas e discutidas nas reuniões para que elas não cheguem como uma colcha de retalhos na escola. Carina Fragelli quis retomar o conceito da sociedade. Acrescenta o fato de para olhar nossa sociedade como colonizada. Quando pensamos apenas nos conteúdos científicos sistematizados que o proletário tem que ter acesso para lutar



Secretaria da Educação

contra classe dominante, estamos excluindo os conteúdos produzidos pelas minorias. Citou Bell Hooks, no livro *Da Margem ao Centro*. Não podemos desconsiderar o conhecimento produzido pelas minorias. Samira L. Souza disse ser muito importante a divulgação dos processos de mudança que estão acontecendo nas reuniões da comissão. Rosana T. falou que falamos muitas coisas mas não falamos que a sociedade é democrática. Camila C. Zanfelice interveio dizendo que sua propositura traz sim esse conceito. Em seguida Lígia Carrasco perguntou se haveria mais colocações e propôs que seguissemos para votação das propostas. Sugeriu que votássemos numa proposta "carro chefe" e depois voltamos a discussão para ver se há algo para se inserir ou observar. Processo de votação: Bruno N. Alleoni retirou sua proposta. Proposta de Camila C. Zanfelice: 34 votos. Proposta de Márcio José da Silva: 3 votos. Proposta de Carina Fragelli: 20 votos. Lígia disse que temos a proposta eleita foi a da Camila Zanfelice. Temos também a proposta da Carina Fragelli como a segunda mais votada e que traz a questão da tecnologia. Percebeu, durante as discussões, que muitas pessoas trouxeram a questão da inserção da tecnologia dentro da proposta. Camila C. Zanfelice sugeriu que a questão da tecnologia apareça em outro momento. Ariana C. Ribeiro disse temos que pensar na sociedade de hoje, pois vemos os efeitos da tecnologia hoje nas crianças de nossas escolas, por isso ela acredita que as 2 propostas tem que ser levadas para a escola. Elaine Zanesco acrescentou que acredita que todos os professores que estejam aqui tenham sentido o efeito da tecnologia nas crianças durante a atuação na pandemia. Lígia Carrasco fez uma sugestão de encaminhamento: releitura da proposta aprovada e verificar se a comissão quer fazer inserções que considera importante. Adriano M. sugeriu que se coloque a questão da tecnologia na proposta de Camila C. Zanfelice. Ele acredita que o tema da tecnologia não apareça apenas na conceituação de sociedade mas em outros conceitos também. Bruno N. Alleoni interveio dizendo que fique claro que temos uma proposta aprovada e questionou como ficaria a colocação das inserções. Lígia Carrasco disse que temos uma proposta aprovada mas existem questões que estão sendo levadas no decorrer da discussão e construção da proposta. Nesse caso, temos a questão da tecnologia. Nelson Leme Junior disse que está claro que temos uma proposta aprovada e que ela necessita de um complemento a ser feito. Como esse complemento vai ser feito é uma outra questão. Lígia procedeu a leitura da proposta de conceituação de sociedade escrita por Camila C. Zanfelice e aprovada pela comissão.



Secretaria da Educação

Após a leitura, Lígia Carrasco sugeriu que nós da comissão nos apropriássemos dos referenciais teóricos que estão sendo discutidos aqui. As inserções relacionadas a tecnologia sugeridas aqui na comissão estão na ata e serão inseridas no textos posteriormente. Foi realizado um intervalo de minutos nesse momento da reunião. No retorno do intervalo, Lígia Carrasco deu continuidade a reunião dizendo que iniciáramos as discussões acerca da concepção de Educação. Carina Fragelli solicitou aos presentes que enviassem suas proposições, através do Forms, até na segunda-feira, dia 15 de agosto. Quando as proposições recebidas forem enviadas para a escola, serão enviadas em formato PDF para a facilitação de impressão com o mínimo de folhas. Heluane Ap. Lemos de Souza iniciou a discussão sobre a concepção de Educação dizendo que a Educação é o ato de produzir em cada indivíduo a humanidade produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens - proposta de Demerval Saviani. Temos que fazer a distinção entre Educação Formal e Não Formal e o que cabe a Educação Escolar, pois muitas vezes a escola quer trazer questões educacionais que não cabe a ela. Temos que definir a natureza e especificidade da Educação - a Educação é um trabalho material. A especificidade dela é a transmissão de conhecimento historicamente produzido. Os diversos saberes são respeitados, mas a escola é o lugar do saber científico. Na dimensão da Educação, temos que entender sua não neutralidade e a partir da nossa ação contribuimos com a manutenção da sociedade capitalista e desigual ou com a transformação para uma sociedade justa e democrática.

Camila C. Zanfalice falou que aqui trataremos de um tipo específico de Educação que é a Educação Escolar. E dentro da discussão da Educação Infantil devemos refletir sobre seu papel de Educação Formal e não assistencial, local de acesso a instrumentos da cultura, trazer esse espaço de educação e transmissão de conhecimentos. É desde de pequeno que formamos essa pessoa que é ética e age no coletivo. Adriano M. citou que discutir Educação é discutir 2 aspectos: sua natureza e sua especificidade. Educação e escola não são sinônimos. Nem toda educação é escolar, mas toda escolarização é educação. Saviani diz que a Educação é um fenômeno próprio dos seres humanos, e o que definimos como característica central na concepção de ser humano? Sua capacidade de transformar a natureza e não de explorar a natureza (contigência do mundo capitalista) e fazer que a natureza atenda nossas necessidades. A educação é antes de qualquer coisa um trabalho. É fazer com que os indivíduos se apropriem da história e da cultura. Esse trabalho tem a ver com produção do conhecimento não só



Secretaria da Educação

científico como filosófico, estético, artístico. Na perspectiva de Saviani, esse trabalho se manifesta materialmente como um livro, uma música e uma aula. Sua função é fazer com que cada indivíduo que nasça integre esse coletivo que chamamos de humanidade. Disso decorre a função social da escola que é identificar o que é essencial para que o indivíduo se aproprie, no mínimo, para que se ingresse na humanidade e também as melhores formas de se fazer isso como na didática. Rosana T. apontou que, quando falamos em educação não podemos nos esquecer da questão da meritocracia. Temos que ter políticas públicas para educação laica, pública e gratuito. Temos que discutir também a questão do homeschooling. Nelson Leme Junior interveio dizendo que temos que focar no conceito de educação que está explícito na legislação sobre educação e que está na Lei Orgânica do município. A primeira infância já está contemplada na lei, temos concepções naquela lei que tem que ser respeitadas. Leandro Generoso Lopes trouxe a questão a se pensar formação profissionalizante dentro da educação como a da Escola Agrícola. Adriano Moreira disse que a categoria educação é universal e questões mais específicas poderiam ficar para a discussão sobre a função da escola. Heluane trouxe uma citação de Adorno "o objetivo da educação é fazer com que Auschwitz não se repita". Sem querer romantizar, a educação serve para impedir a barbárie, a educação é instrumento da transformação da sociedade. Cristiane Auriemo contribuiu dizendo que educação deva ser entendida como transmissão, transformação e produção. Samira L. Souza disse que temos que devemos dar o devido olhar a Educação Infantil considerando o que a rede de Rio Claro já produziu. Não dá para desconsiderar a Orientação Curricular de elaborada conjuntamente em 2016, bem como a Lei Orgânica do município e a Lei da Primeira Infância. Carina Frafelli disse que quando tomamos por base a postura de que a educação transforma a sociedade, temos que ter cuidado para não definir a educação como transmissão de conteúdo. Cristiane Auriemo contribui dizendo que a educação é processo de transmissão e de transformação, mas não podemos desconsiderar o processo construção. Carina seguiu dizendo que não se pode isentar a educação de afetividade e negar isso pode nos levar a violência simbólica dentro da escola. Temos que entender a educação como um processo dialéticos entre atores, a escola é o lugar de relação interpessoais e afetividade. Adriano M. disse que temos que ficar atentos para não cair em armadilhas quando se fala em transmissão ou não de conhecimento. Analizando as políticas públicas dos últimos 30 anos, a escola sequer tem cumprido esse papel de transmissão



Secretaria da Educação

do conhecimento, até isso foi retirado da escola. Voltando a falar do livro Educação e Emancipação, de Adorno, citado há pouco por Heluane. Adorno se pega muito na questão do julgamento de Nuremberg no qual os nazistas são julgados e as pessoas que fizeram as maiores atrocidades alegaram que não tem culpa dos que estavam fazendo porque só estava cumprindo ordens. E no final do julgamento essa tese não foi aceita. Tendo isso em vista, Adorno fala que a função da educação é adaptar o indivíduo ao existente. Adorno diz mudar a sociedade é muito difícil, transformar os aspectos sociais e econômicos é muito difícil. Então temos que formar um indivíduo com autônomo, ciente que a responsabilidade é dele. Transformar o indivíduo é necessário, mas não se pode perder de vista a necessidade de transformar o capitalismo. O nazismo é decorrente do capitalismo, no fundo. É a tentativa para garantir os interesses econômicos de quem está no poder. Há uma outra questão sobre construir conhecimento e se apropriar do conhecimento. Muitas pessoas aqui fazem doutorado e sabem que para produzir um mísero conhecimento se passa uma vida toda se apropriando de conhecimentos. Não é tão simples assim. O que mais fazemos é nos apropriar do conhecimento. Lígia interveio dizendo que devemos ampliar o conceito construção do conhecimento. A transmissão também faz parte do processo de aprendizagem. Desde de que fazemos de forma crítica considerando o que os estudantes trazem. Caciara colocou a relação da prática social e das questões sócios emocionais. Rosana trouxe a questão afetiva da educação e também inclusiva. Educação democrática que me permita discutir com liberdade para circulação do conhecimento acessível e de forma democrática. Camila disse que tudo que estamos discutindo está interligado, mas nesse momento temos que preocupar com o texto inicial de conceituação de educação. Quando falamos de transmitir conhecimento não quer dizer que essa transmissão seja violenta ou mesmo tradicional. Temos que abrir nossa cabeça para o conceito de transmissão. Transmissão não exclui a ideia de afetividade. Na década de 90 fazia muito sentido a ideia de construção, parecia libertador. Naquele momento teve sua importância histórica, mas conseguimos transformar a sociedade? Era um discurso bonito mas ainda atrelado à meritocracia e individualismo. Se falássemos de educação e democracia verdadeiramente, isso daria conta de tudo, ela já seria inclusiva. O texto não deveria trazer essas categorias particulares, e não estou falando com isso que estou desconsiderando as pessoas com deficiência. A diversidade tem que estar toda contemplada no texto. Bruno disse que os termos específicos como transmissão,



Secretaria da Educação

construção, toda essa concepção devem ser contemplados no texto. Temos que abordar a conceituação de educação pensando na diversidade de linguagem. Heluane quis resgatar conceitos de Adorno quando ele trata da dialética do esclarecimento. A razão se consolida em oposição ao pensamento mítico. Ela é compreendida como liberdade para o ser humano, como autonomia. O esclarecimento sob o signo da sociedade capitalista se torna dominação, indústria cultural. Mas há outra forma de esclarecimento, algo reflexivo e crítico. Adriano disse que o conhecimento é essencial, mas ele por si só não nos leva a lugar nenhum. A educação por si só não resolve todos os problemas. Vivemos numa sociedade fundada na exploração e conhecimento por si só não nos salva. Carina falou que foram trazidas aqui questões relacionadas ao nazismo, mas temos que nos lembrar que aqui no Brasil há outros genocídio, como genocídio indígena, guerra às drogas, feminicídio. A democracia não abarca todas essas minorias. Quando falamos em construir conhecimento, estamos falando em questões ligadas à didáticas. Se nossa perspectiva é educação dialógica, dialética não tem como dizer que vou transmitir conhecimentos. O conhecimento científico é nosso norte. Temos que fazer com que a criança passe por essa experiência da vida. Rosana contribuiu dizendo que primeiramente precisamos dar acesso ao conhecimento para que o estudante se aproprie e depois criar. Lígia conclui dizendo que essas discussões são muito importantes e seguirão sendo discutidas na próxima reunião do dia 17 de agosto. A reunião encerrou-se às 11h20 e a ata foi redigida por mim, Renata Corte, CAP - SME.